

DOI:10.4025/5cih.pphuem.1617

A representação cartográfica da Província Jesuítica do Paraguai no século XVIII

Newton da Rocha Xavier

Resumo: Os mapas da Província Jesuítica do Paraguai foram referências para a cartografia da Idade Moderna, sendo importante meio de divulgação do trabalho missionário mesmo após a supressão da ordem, em 1773.

Nosso trabalho tem como fontes uma série de cartas geográficas iniciadas com o *Paraquarie Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib.s novissima descriptio Post itera.s peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum Peruanae accuratissime delineata*, de 1722, e avalia o discurso cartográfico inaciano e sua inserção nos debates do século XVIII sobre a atuação missionária na América.

Nossa proposta é uma análise que vá além das questões técnicas das escalas métricas e da acurácia, e priorize as informações não-geográficas do mapa, como a retórica dos cartuchos e o uso das legendas, e tratará da retórica cartográfica dos jesuítas, seus silêncios e segredos, ao tratar a constituição das missões, o trabalho de avanço missionário e na tentativa da organização e estabilização dos povos.

Junto com os mapas, é preciso consultar as crônicas e descrições elaboradas pelos inacianos no período relacionados com essa produção cartográfica, como as crônicas e descrições do século XVIII, que também estejam relacionadas ao estudo da geografia da Província Jesuítica do Paraguai.

A partir disso, o que se percebe é o uso dos mapas alinhados ao discurso que envolve uma rememoração do trabalho inaciano em suas diversas épocas e coroam uma representação do índio que remonta aos primeiros idealizadores da missão jesuítica na América do Sul, ainda no século XVI. Ainda propagando e fortalecendo o discurso do trabalho inaciano na região da bacia hidrográfica do Rio Prata e adjacências como aliado do império espanhol e no ordenamento dos indígenas.

Os mapas dos sacerdotes contribuem para uma longa duração da imagem da atuação jesuítica no Paraguai, até mesmo no período posterior à supressão da Ordem (1773), e são instrumentos essenciais para a argumentação da Ordem.

Palavras-chave: Jesuítas – Cartografia – Missões – Paraguai – Chaco – Martírios

A companhia de Jesus iniciou seu trabalho no Paraguai, em 1588. Antes da fundação efetiva da Província do Paraguai em 1607, missionários oriundos da Província do Peru e até mesmo da Província do Brasil, nos domínios portugueses, realizaram viagens para esse novo campo de evangelização da Ordem. Foi uma entrada tardia. Vale dizer que nesta altura os religiosos já atuavam nos domínios lusitanos na América desde 1549.

A região que compreendia a Província Jesuítica do Paraguai inicialmente não era de interesse estratégico para as Coroas Ibéricas. Também era uma área de defesa dos domínios espanhóis, pela sua perigosa proximidade com a América Portuguesa, e também pela prática do contrabando, que marcou essa região. Gradualmente, a região platina passa a ter maior importância na política dos impérios, e no século XVIII sua importância era inegável, como se vê nos acordos do Tratado de Madri, em 1750.

A evangelização empreendida pela Companhia de Jesus envolveu a descrição das terras de missão e dos povos a serem convertidos, e não só na América Meridional, que é tema deste artigo. No avanço evangelizador da Ordem, as informações colhidas sob a justificativa da batalha pela conversão de almas supriram o público leitor da Europa. Esse trabalho envolveu a catalogação de fauna e flora, medições geográficas e astronômicas. A elaboração de mapas está relacionada a essas atividades. Na América Espanhola, ela foi executada em grande volume, como em nenhuma outra região de missão dos inácianos.

Apesar de não haver uma formação específica para o ofício de cartógrafo¹, ou um cargo de “geógrafo” na Ordem, os integrantes da instituição tinham plenas condições para o desenvolvimento dessa atividade, com oportunidades de contato com ramos do conhecimento relacionados à esse ofício em sua formação. O ensino da Matemática na Companhia tem como mais notório defensor o padre Cristovão Clávio (1538-1612) que defendeu a sistematização desse tipo de conhecimento nos Colégios da Ordem já no século XVI, época de definição da *Ratio Studiorum*.

Como ciência da esfera terrestre e de localização exata dos lugares e da representação da terra mediante mapas, a Geografia estava profundamente ligada a Matemática, como um ramo da Cosmografia, com presença possível na formação dos jesuitas espalhados por todo o mundo².

Houve casos de jesuítas que se envolveram com a produção de mapas que trouxeram conhecimentos do período anterior de seu ingresso na vida religiosa, como o caso do Padre José Quiroga (1706-1783?), que tinha conhecimentos astronômicos e náuticos obtidos na experiência como piloto, determinante em sua atividade cartográfica.

Há também o caso do santafesino Padre Buenaventura Suarez (1678-1750). Apesar de nunca ter realizado contribuição direta com a cartografia, ele elaborou um grande número de cálculos astronômicos que ajudaram no estabelecimento das longitudes da região platina. Antes de ser um sacerdote, ele já fazia estudos desse tipo em sua terra natal, com conhecimentos obtidos em sua educação nas instituições jesuíticas na América.

Sendo os membros da Ordem ináciana aptos para a produção de mapas, e tendo esse trabalho inserido dentro dos objetivos da cristianização dos povos americanos, a indagação aqui apresentada é: como as informações cartografadas foram utilizadas na construção de uma avaliação positiva do trabalho da Província Jesuítica do Paraguai?

No século XVII, os relatos da missão foram uma fonte decisiva para elaboração de mapas. Segundo o historiador Guillermo Furlong, SJ (1889-1974), a cartografia holandesa sobre a região nessa época era tributária das crônicas jesuíticas. Ele cita os relatos do primeiro provincial do Paraguai, o Padre Diego Torres Bollo (1550-1638) como a grande fonte dos mapas do início do século XVII, como o *America* de Jodocus Hondius presente no Atlas de 1606³, e o mais específico *Amerique Meridionale* (1628), de Johannes Janssonius (1588-1664)⁴. Segundo Furlong, esses trabalhos teriam como matriz as cartas ânuas de 1609⁵.

O trabalho de Guillermo Furlong é um ponto de partida para o estudos desses mapas, mas não deu a devida importância ao relato do *adelantado* Juan Ortiz de Zarate (1521-1576), que também descreveu o Paraguai com essas dimensões, preferindo dar mais crédito a abrangência ao trabalho da Companhia de Jesus como a grande desbravadora e aliada do império espanhol. De todo o modo, a representação jesuítica e as crônicas e descrições tem a importância verificada na história da cartografia do Grande Paraguai.

Os mapas têm algumas características que estão presentes na cartografia e relatos jesuíticos, a começar pelo modo de representação dos povos. Na obra de Johanes Janssonius, *America Pars Meridionalis* (1653), alguns grupos indígenas têm destaque na distribuição de topônimos: Xarayes, Moxos, Chicas e Guaranis, dispostos do mesmo modo que “Tucuman”.

A representação holandesa, como é de se esperar no século XVII, não define limites territoriais, mas indica a incidência dos povos em certas regiões delimitadas por rios, segundo as notícias das missões. O letramento estabelece uma associação entre território e povos, que nomeiam regiões.

Outro mapa dessa época que vai influenciar a produção posterior de origem jesuítica, atribuído ao Padre Luis Ernot, foi editado por Joan Blaeu em Amsterdam e posteriormente republicado por John Ogilby na Inglaterra. É uma amostra da inserção e alcance dos relatos cartográficos dos missionários no século XVII entre os estudiosos atuantes fora do mundo católico. (vide imagem 1)

A dedicatória do mapa ao Geral da Companhia, padre Vicente Carrafa (1585-1649), certamente não partiu de Blaeu ou Ogilby. É cópia fiel da matriz produzida por integrantes da Companhia de Jesus, que tinham por costume, dedicar alguns mapas aos gerais em exercício.

A representação cartográfica abarca o que era designado pelo nome de “Províncias do Rio da Prata e do Paraguai”, no século XVI pertencentes ao Vice-Reino do Peru. Segundo relato do *adelantado* Juan Ortiz Zárate, ela abarcava toda a área meridional do continente ao sul do Rio da Prata, do Oceano Atlântico ao Pacífico. Ao norte, o limite eram as terras do São Francisco e Mbiaçá até o rio Paraguai. No lado do sertão do Rio Paraná, as áreas mais distantes eram as povoações de Vila Rica, Ontiveiros e de Guairá⁶.

A grande extensão representada nos mapas do século XVII não corresponde ao processo efetivo de ocupação. A presença do poder espanhol estava circunscrita aos povoados estabelecidos entre os rios Prata e Paraná, então subordinados ao controle do Vice-reino do Peru, sob a jurisdição da audiência de Charcas, com sede na cidade de Assunção.

Os mapas seguem o que Maria de Fátima Costa chamou de “padrão das cartas jesuíticas” na representação⁷. Estes primeiros mapas, marcam alguns pontos que se tornaram essenciais para a descrição dos limites da região e para a formação dessa característica jesuítica de mapeamento: Tucuman ao sul, o lago dos Xarayes, e a centralidade da hidrografia⁸. Esses limites serão repetidos até o fim do século XVIII.

Editada em 1726 e atribuída à Juan Francisco D’Ávila, *Paraguaria Provinciae soc. Jesu cum Adjacentib Novissima Descriptio[...]*, mostra o Paraguai repetindo as referências às localidades já citadas dos mapas do século XVII. É dedicado ao então Geral da Ordem, o Padre Michelangelo Tamburini (1648-1730), e como consta em seus elementos não-geográficos, é uma tentativa de mostrar as terras que os padres conheciam e evangelizaram.

Em 1732 o mapa ganha outra versão, também dedicada ao Geral da Ordem (vide imagem 2), o Padre Francisco Retz (1673-1750), por Johannes Petroschi, que depois ainda ganharia uma versão em 1760 em Veneza, impresso em oficina que não pertencia à Ordem Jesuítica. Essa imagem ainda se propagaria ainda mais nas versões de 1732 do Padre Antonio Machoni e em versão no idioma alemão⁹.

Como era costume na cartografia, as chapas de cobre, que eram a matriz desse mapas, circulavam e influenciavam a produção de outros geógrafos. Assim, a cartografia produzida por inicianos foi o ponto de partidas de obras como *Le Paraguay où les RR. PP. De la*

Compagnie de Jesus ont repandu leurs Missions, de Jean Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782), inserido na edição de 1734 da *Lettres edificantes et curieuses*. Produzidas no Colégio Louis Le Grand, pelo Padre Charles Le Gobien (1653-1708) e posteriormente por Padre Jean Baptiste Du Halde (1674-1743), as *Lettres* privilegiavam a missão na Ásia, com poucos relatos sobre a América Hispânica

O mapa de Danville do volume de 1734 está acompanhando de cartas sobre o trabalho jesuítico no Paraguai¹⁰ e um texto tratando do mapa. É amostra do uso dos mapas ante o público leitor europeu, e as perspectivas da Companhia ante essa audiência, numa época em que os jesuítas travavam um embate no campo das idéias com jansenistas e livre-pensadores. E é no campo das ideias que os historiadores podem procurar mais dados nas fontes cartográficas.

A preocupação com a circulação e usos dos mapas pode proporcionar uma melhor abordagem, com questões que não sejam apenas ligadas à maior ou a menor acurácia, “erros” de medida quando comparados à mapas mais atuais, mais “precisos”. Obviamente não podemos desprezar os trabalhos de História da Cartografia com enfoque técnico, mas podemos voltar nossa atenção aos silêncios e segredos dos mapas, como já propôs John Brian Harley¹¹.

Essa abordagem da cartografia afinada à historiografia mais recente sobre a Companhia de Jesus, que pensa as crônicas e relatos jesuítos, em que historiador se debruça sobre o discurso ao mesmo tempo que pensa a missão e os embates da Ordem religiosa. Para isso, direcionamos a nossa abordagem a partir de certos pontos comuns.

Primeiramente, observemos a opção jesuítica pela representação cartográfica com margens fluidas. A opção por bordas distantes compreende regiões que estavam fora da província e reforçavam a mesma impressão de amplitude do trabalho inaciano dos mapas do século XVII, artifício comum em mapas que tentam dar impressão de grandiosidade¹².

A centralidade do Paraguai no nome do mapa, é outro dado. Um título, como apontou Christian Jacob, demarca a percepção e compreensão do documento e valida uma imagem individual que será socializada, como de fato foi a do Grande Paraguai dos Jesuítas, que ultrapassa as delimitações e flui com a bacia do Prata.

A dedicatória do mapa de 1732 exprime a ideia principal do discurso contido no mapa: “*A Província da Companhia de Jesus no Paraguai, dedica ao pai em Cristo, o Rev. padre Michaeli Angelo Tamburino, décimo-quarto Geral da Sociedade de Jesus, o mapa dos territórios cultivados e regados com o suor e o sangue de seus filhos. Anno 1732*” (vide imagem 3). A justificativa maior do esforço de descrição é a glória de Deus, a edificação e o exemplo missionário dos mártires e evangelizadores.

O reforço da divulgação do conhecimento *in loco*, fruto de trabalho árduo será mais reforçada na cartografia jesuítica do século XVIII. Essas obras de padres exilados dialogam com os pensadores europeus envolvidos nas polêmicas sobre a natureza da América e dos seus nativos. O teor das obras é de uma descrição da América feita a partir da experiência, contra os escritos de estudiosos que nunca atravessaram o Oceano Atlântico.

Outro lugar comum no discurso contido nas cartas é o destaque da graça do martírio. Essa dimensão é citada no subtítulo do mapa, ao se referir ao sangue derramado dos missionários, e também em ícones no território. Os martírios estão presentes desde a Reforma Católica como um meio de sacralização dos territórios, e não foi diferente na Conquista Espiritual do Novo Mundo.

Na América, o trabalho missionário coloca o martírio sob nova perspectiva. A construção dos Impérios ibéricos que, como em outros continentes, significava tanto a necessidade quanto a oportunidade de celebrar os novos territórios com martírios¹³.

Nas palavras de Manuela Carneiro da Cunha: “*Com o advento do novo, há um trabalho de dupla tradução: trata-se de inserir esse mundo novo na memória, e, portanto na*

topografia e nos eventos já conhecidos, e perceber o novo nos quadros intelectuais antigos.” A inserção da América na “geografia espiritual” passava pela transladação de relíquias e, elemento essencial neste estudo, o sangue do martírio¹⁴, algo muito presente nos relatos inicianos.

Há também no mapa uma das grandes metas do trabalho jesuítico entre os nativos americanos: a sedentarização. Essa representação segue certa linha de argumentação, que diferencia de maneira rígida os grupos indígenas da área cartografada.

As povoações aparecem de maneira ordenada na Cartografia jesuítica, obedecendo ao procedimento iniciano de classificação dos povos da América. Eles são separados em três grupos: *Civitas Hispanorum*, *Oppida Christianorum* e *Tuguria Barbarorum*. As cidades espanholas, conforme a diferenciação legal, são diferenciadas das missões jesuíticas. Ao norte dos mapas, destaca-se, os tuguérios bárbaros, representados com ícones que sugerem barracas, indicando a associação com o nomadismo.

O debate sobre a estabilidade indígena tem origem já nos primeiros escritos sobre a América. O Padre Manoel da Nóbrega (1517-1570), no *Plano civilizador*, de 1558, inicia o debate sobre a organização dos índios, que posteriormente influenciou na montagem da Província Jesuítica do Paraguai e lançam a base das ações inicianas na América do Sul.

Civilizar é um passo essencial para a conversão e tornar o índio sedentário é essencial nesse processo, conforme apontou o sacerdote português:

A lei, que lhes não-de dar, é defender-lhes comer carne humana e guerrear sem licença do governador; fazer-lhes ter uma só mulher, vestirem-se pois tem muito algodão, ao menos depois de cristãos, tirar-lhes os feiticeiros, mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos: fazê-los viver quietos sem se mudarem para outra parte, se não for para entre cristãos, tendo terras partidas que lhes bastem, e com estes Padres da Companhia para os doutrinarem¹⁵.

O *Plano* de Nóbrega circula internamente na Companhia de Jesus e repercute na ação missionária no Império espanhol, como podemos observar já na obra do Padre José de Acosta (1539-1600), em *De procuranda indorum salute*. Embora Acosta não o cite, há clara influência do pensamento de Manoel da Nóbrega, já que a descrição e as sugestões contidas na obra retomam exatamente os termos de Nóbrega, e confirma o modelo de descrição jesuíta dos índios, que pouco mudou durante a atuação da instituição na América¹⁶.

A intolerância à mobilidade aparece mais explicitamente no Prêmio do tratado do Padre José de Acosta do que na obra inspiradora de Manuel da Nóbrega.

Ao descrever a chamada terceira classe de bárbaros que se caracterizariam pela ausência de *policia*. Acosta destaca a falta de estabilidade relacionada à condição bestial que os índios se encontravam

Chegando agora à terceira e última classe de bárbaros, é impossível dizer o número de cidades e regiões que formam no Novo Mundo. Nela estão os homens selvagens, como bestas, que têm poucos sentimentos humanos. Sem lei, sem rei, sem pactos, sem juizes ou governança fixa, mudando de domicílio de tempo em tempo e mesmo quando se fixam, suas casas mais se parecem com cavernas de feras ou estábulos dos animais. A este grupo pertencem, em primeiro lugar, aqueles todos que os nossos chamam caribes, não exercem outra profissão que derramar sangue, são cruéis com todos os hóspedes, se alimentam de carne humana e andam nus apenas cobrindo suas vergonhas¹⁷.

As narrativas jesuíticas da América Espanhola nos mostram essencialmente o empenho da instituição no ordenamento do espaço, e por consequência, da sua população. A cartografia confirma visualmente essas ideias, distancia e demarca os índios inclusos no projeto iniciano e aqueles ainda não convertidos ou que repeliam essa inserção.

No século XVIII, apesar de toda a repercussão do trabalho entre os Guarani na Europa, a Companhia de Jesus está se voltando à outras regiões. Ao norte das missões dos Guarani, abarcadas no mapa sob o topônimo *Doctrinae*, se estende o Chaco. Obviamente, num diferente

contexto, a temática da estabilidade indígena reaparece, reaquecida pelas incursões do governo tucumano e pelo trabalho jesuítico na área.

As missões do Paraguai não estavam mais em expansão na década de 1730, após um período de recuperação de espaços perdidos pelas investidas dos paulistas. Apesar disso, a missão se consolida entre os Chiquitos. Há também a fundação de San Estanislau (1749) e San Joaquin (1747), e a grande tentativa de trabalho do inóspito Chaco Austral, apesar da estagnação guarani¹⁸.

Uma cédula Rel de 1716 determinou a intensificação dos esforços inicianos para o Chaco. É nesse período que há condições para a elaboração por parte dos inicianos de obras de estudo sobre terra e povos da região. É nessa época que a região ao norte ganha certa proeminência na Cartografia e nos escritos inicianos.

Padre Pedro Lozano, em 1733, publica *Descripcion Chorographica del Gran Chaco Gualamba*. Este estudo sobre o Chaco começa com a junção da História da região com o início da evangelização do Paraguai. Nessa obra está contido outro mapa, de autoria do Padre Antonio Machoni (1671-1753), integrante da expedição de 1708 promovida pelo Governo de Tucuman que marcou as reinvestidas ao Chaco, produziu *Arte y vocabulario de la lengua lule, y tonocote*, que reflete a experiência que teve junto aos Lules, publicada em 1732. Foi atribuída a ele a autoria de um mapa que está inserido na obra de Pedro Lozano, que prioriza a região do Chaco que reforça a ideia da obra: a primazia iniciano no conhecimento da região, que tem o Padre Alonso Barzana (1528-1598) como iniciador.

A conexão espacial entre o Chaco e o Paraguai na retórica jesuítica perdurou até o fim da atividade missionária na região, e ganha força no século XVIII, sendo grande alvo da cartografia aqui apresentada. Ela reflete as tentativas de um estabelecimento de conexão entre essas regiões empreendidas por missionários, que inclusive tiveram um caminho fluvial que entre Chiquitos e Paraguai fechado por ordem da Audiência de La Plata em 1717, mantendo incomunicáveis duas regiões pertencentes à mesma bacia hidrográfica¹⁹.

Entre os Zamuco, especificamente entre as parciaisidades do norte, predomina as marcas dos tугúrios, enquanto entre as *Doctrinae* dos Guarani, região onde o trabalho jesuítico era mais consolidado, apenas os povoados cristãos são registrados. A estabilidade e a ordenação estariam em plena conformidade entre os povos, segundo as imagens e palavras dos missionários.

No entanto, obras recentes mostram como a divisão entre índios cristãos e pagãos estava bem longe da rigidez da classificação cartográfica, num exemplo do poder normatizador da cartografia²⁰. Os jesuítas se ocupavam de limitar essas interações e de omiti-las nos documentos de ampla circulação. Coube aos padres regulamentar o contato com os infieis, uma relação que foi tornada invisível na cartografia²¹.

A opção por ressaltar certos povos ou omitir outros faz com que esses mapas não possam ser utilizados para um estudo de demografia histórica ou do posicionamento desses povos, que não tinham uma concepção de uso do espaço como as retratadas pelos jesuítas. É mostrado pelo mapa um Paraguai mais homogêneo e em processo de evangelização. Vale ainda dizer que muitas das parciaisidades indígenas indicadas nas cartas são criações do trabalho de normatização dos missionários, que são reforçadas nas imagens da cartografia.

Outra constante nos mapas do Paraguai é o perigo do avanço paulistas, tidos como os agentes do demônio. Seus atos são rememorados através da indicação das localidades que sucumbiram ante os ataques vindos dos habitantes do planalto do Piratininga.

Os paulistas também aparecem nas obras jesuíticas como adversários da Coroa Espanhola. As missões seriam úteis como um anteparo ao avanço desses inimigos do poder imperial desde o século XVII. A cidade de Santiago de Jerez destruída e outras posições marcadas com um “X”, são um marco do avanço paulista e da fragilidade do Paraguai ante os possíveis avanços mais ousados vindos do leste.

Essa rememoração é mais explícita na Cartografia Histórica elaborada pelo padre Sanchez Labrador em seus croquis sobre o Itatim e Tape. Ela serve para uma rememoração da lenda negra dos paulistas bárbaros e heréticos, mais forte no século XVII. Este reforço dos argumentos de cunho mais religioso contra os paulistas, desloca o eixo da discussão para questões morais, uma estratégia contra a acusação de ambição de poder temporal da Companhia de Jesus no Paraguai, muito fortalecida no século das Luzes.

A partir desse roteiro, podemos perceber a pertinência da Cartografia produzida para o objetivo de fortalecer, ao menos na retórica, a perfeita conjunção do trabalho de evangelização dos missionários como os interesses da Coroa Espanhola.

Há a preocupação em demonstrar o conhecimento das terras da região, demonstrando o longo trajeto no tempo e a abrangência geográfica das atividades da Conquista Espiritual empreendida na Província Jesuítica do Paraguai, numa imagem que sobreviveu (via cartografia) até mesmo o golpe mais duro: a Supressão da Ordem em 1773.

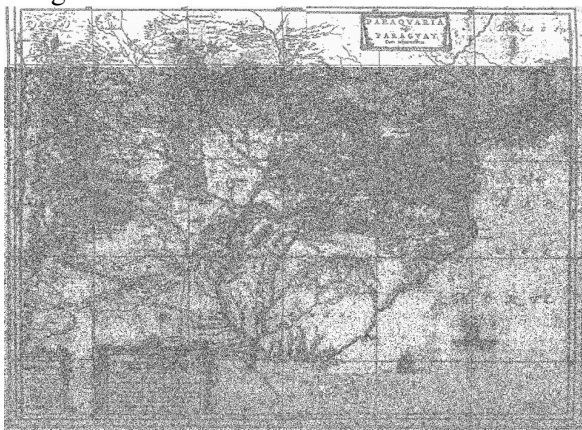
Imagens:

Imagem 1



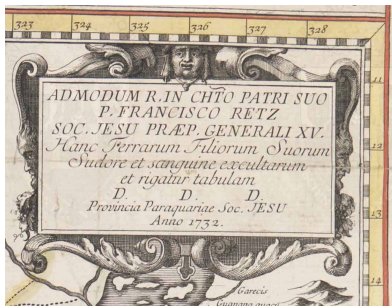
Paraguariae provinciae societatis Jesu cum adiacentibus novissima descriptio. Veneza. 1732 (1760). (in: <http://www.mapashistoricos.usp.br/>)

Imagem 2



Paraguaria vulgo Paraguay por L.Ernot. 1632, publicado em John Ogilby in: MONTANUS, Arnoldus. America: being the latest and most accurate description of the New World. (in: BARCELOS Artur. Op. cit.)

Imagem 3



Legenda: Detalhe do Cartucho com a dedicatória do mapa Paraguariae provinciae societas Jesu cum adjacentib novíssima descriptio. Johannes Petroschi. 1760. (in: www.mapashistóricos.usp.br)

Referências Bibliográficas

BLAEU, W. J. Paraguay, *Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra*, 1631. In: BLAEU, W. J. Appendix Theatri A. Orтели et Atantis G. Mercatoris, *continens tabulas geographicas diversarum Orbis regionum, nunc primus editas cum descriptionibus*. Amsterdã, 1631.

CAMAÑO, Joaquin. Carta del Gran Chaco. In: JOLIS, Jose. *Saggio sulla storia naturale della provincia del Gran Chaco. E sulle pratiche e suo costumi dei Popoli che l'abitano. Ensieme contra giornali di altrettanti viaggio fatti alle interme contrade di que Barbari*. Tomo I, , per Lodovico Genestri, Firenze 1789.

DANVILLE, François. (atribuído) *Mission dès Moxes*. In: DU HALDE, Jean-Baptiste. *Lettres edifiantes et curieuses... Tomo XII. (1718) 1741*

_____, _____. *Le Paraguay ou les RR. PP de la Compagnie de Jesus ont repandu leurs Missions (...)*. 1733. In: DU HALDE, Jean-Baptiste. *Lettres edifiantes et curieuses...* Tomo XXI. Chez Nicolas Le Clerc. Paris 1734

DOBRIZHOFFER, Martín (atribuído). *Mappa Paraguariae In multis a me Correcta. Quid si in pluribus porro peralios Corrigenda. Authore M. D. eius provinciae Misionario*. In: DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de los abipones. Tomo II. Joseph Kuzbek*. Viena. 1784.

MACHONI, Antonio. *Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversas entradas de los Misioneros de la Compañía de Iesus que se han hecho en este siglo de 1700*. In: LOZANO, Pedro. *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba. Prólogo e índice por Radamés A. Altieri*. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941

OGILBY, John. *Paraguaria vulgo Paraguay. Cum Adiacentibus*. 1671

PETROSCHI, Ioannes. *Paraguare Provincie Soc. Jesu Cum Adiacentib Novissima*, 1732

SEUTTER, Mateus. *Paraguariae Provinciae Soc. Iesu cum adjacentibus Novissima descriptio post iteratas peregrinationes, et plures observationes.* 1726

Fontes

ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las indias /; edición crítica de Fermín del Pino-Díaz.* ___ Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008

DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites dès missions etrangeres par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus.* Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1734

JOLIS, José. Ensayos sobre la historia natural del Gran Chaco. Faenza. 1789.

_____, _____. *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba. Prólogo e índice por Radamés A. Altieri.* Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941

Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba. Prólogo e índice por Radamés A. Altieri. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941

KLAUSING, Anton. *Sammlung der neuesten Schrifften, welche die jesuiten in Portugal betreffen.* Aus Italianischen ubersetzt. Nebst Einer Illuminirten Land-Charte von der Provinz Paraguay nach der Original-Zeichnung der P.P. J. J. gestochen durch Johann Petroschi in Rom.

NOBREGA, Manoel. *Plano Civilizador. Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Miguel Torres, Lisboa.* (1558) In: *Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia).* Introd. e notas de Serafim Leita. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1955. p. 277-293

QUIROGA, Joseph. *Descripción del Río Paraguay, desde la boca del Xauru hasta la confluencia del Paraná.* In: ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata.* t.II. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836.

Obras de Referência

BARCELOS, Artur Henrique Franco. *Mergulho no Seculum.* Exploração, Conquista e Organização Espacial Jesuítica na América Espanhola Colonial. Porto Alegre. PUC-RS. 2006. (tese: Doutorado).

BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770).* São Paulo. Cia das letras. 2009

CAPEL, Horácio. *La geografía como Ciência Matematica mixta. La aportación del circulo jesuítico madrileño en el siglo XVII.* Geocrítica. Cuadernos críticos de Geografía Humana. Barcelona. IB.1980.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente. O pantanal entre os séculos XVI e XVIII.* São Paulo. Estação Liberdade. 1999

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Da Guerra das Relíquias ao Vº Império.* Importação e exportação da História no Brasil. In. *Novos Estudos.* Nº44. pq. 73-99. São Paulo. CEBRAP. 1996

CYMBALISTA, Renato. *Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII*. In: Anais do Museu Paulista. v.18. n.1. Jan-Jun. 2010

EISEMBERG José Eisenberg. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2000.

FURLONG, Guillermo. *Cartografía Jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A.,. Buenos Aires. Casa Jacobo Peuser, Ltda 1936

_____, _____. *Los jesuítas y la cultura rioplatense*. Montevideu. Urta y Curbelo, 1933

GADELHA, Regina. A. F. *Missões Guarani. Impacto na sociedade Contemporânea*. São Paulo. EDUC. 1999

HARLEY, John B. *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. México. Fondo de Cultura Economica. 2005.

_____, _____. WOODWARD, David. *The History of Cartography, V. III. Parte II*. University of Chicago Press. Chicago. 1987- 2007

LABORIE, Jean-Claude. *A dispersão do saber missionário sobre as Américas 1549-1610: O exemplo jesuíta*. In: Revista de História da USP, nº 152, 2005.

LEVENE, Ricardo. *História de La Nación Argentina*. Ed. El Ateneo. Buenos Aires 1939

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Caminho de chiquitos às missões guaranis de 1690 a 1718*. Revista de história. São Paulo. 1960

WILDE, Guillermo. *Religión y poder en las misiones de Guaraníes*. SB. Buenos Aires. 2009

¹ A palavra “cartografia” foi cunhada em 1839 pelo Visconde de Santarém. Apesar disso, optou-se pelo uso do termo neste trabalho, acreditando que o uso do termo não interfira nas ideias centrais do artigo.

² CAPEL, Horácio. *La geografía como Ciência Matematica mixta*. La aportación del circulo jesuítico madrileño en el siglo XVII. Geocrítica. Cuadernos críticos de Geografía Humana. Pp. 27ss.

³ *Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica mvndi et fabricati figvra*. Amsterdam. 1606

⁴ Koeman, Cornelius, Schilder, Gunter, Van Egmond, Marco & Van Krogt. *Commercial Cartography and map production in the Low Countries, 1500-1672*. In: HARLEY J.B. , WOODWARD, David. *The History of Cartography, V. III. Parte II*. Chicago : University of Chicago Press, 1987- 2007 London. p. 1298ss

⁵ FURLONG, Guillermo. *Los jesuítas y la cultura rioplatense*. p. 25.

⁶ TORRES REVELLO, Jose. *Los gobernadores de Buenos Aires. (1617-1777)*. In: LEVENE, Ricardo. *História de La Nación Argentina*. p. 327.

⁷ COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente. O Pantanal entre os séculos XVII e XVIII*. p. 152

⁸ Os mapas que correspondem à essa descrição: BLAEU, W. J. *Paraguay, Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra, 1631*. In: BLAEU, W. J. *Appendix Theatri A. Orтели et Atlantis G. Mercatoris, continens tabulas geographicas diversarum Orbis regionum, nunc primus editas cum descriptionibus*. Amsterdã, 1662. *America*. In: HONDIUS, Jodocus. *Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica mvndi et fabricati figvra*. Amsterdam. 1606. JANSSENIUS, Johannes. *Paraguay ó Provincia de Rio de la Plata cum regionibus adjacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra. 1630* in: *Atlantis Maioris Appendix Sive Pars Altera*. Amsterdam, 1630. OGILBY, John. *Paraquaria vulgo Paraguay. by in: MONTANUS, Arnoldus. America: being the latest and most accurate description of the New World*. London 1671.

⁹ Neuest Vorstellung und Beschreibung der der Gesellschaft Iesu zugehoerigen Provinz Paraguay mit den angraenzenden Laendern, aus den Reise Geschichten und vielfaeltigen Beobachtungen der P.P. Missionarien sowol von dieser als auch der Peruanischen Provinz auf das genauste auf gezeichnet und verbebert. In: KLAUSING, Anton. Sammlung der neuesten Schrifften, welche die jesuiten in Portugal betreffen. Aus Italianischen ubersetzt. Nebst Einer Illuminirten Land-Charte von der Provinz Paraguay nach der Original-Zeichnung der P.P. J. J. gestochen durch Johann Petroschi in Rom.

¹⁰ DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1734. p.290

¹¹ HARLEY, John Brian. La Nueva Naturaleza do los mapas. p. 114ss

¹² JACOB, Christian. The sovereign map theoretical approaches in cartography throughout history. Chicago. University of Chicago Press. 2006. p. 108ss.

¹³ CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. Anais do Museu Paulista. v.18. n.1. Jan-Jun. 2010. p. 59

¹⁴ CUNHA, Manuela Carneiro da. Da Guerra das Relíquias ao Vº Império. Importação e exportação da História no Brasil. In: Novos Estudos. Nº44. pp. 73-99. São Paulo. 1996. p. 73

¹⁵ NOBREGA, Manoel. Plano Civilizador. Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Miguel Torres, Lisboa. (1558) In: Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia). Introd. e notas de Serafim Leita. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1955. p. 277-293

¹⁶ LABORIE, Jean-Claude. A dispersão do saber missionário sobre as Américas 1549-1610: O exemplo jesuíta. In: Revista de História da USP, nº 152, 2005. p. 24

¹⁷ *Iam vero tertia atque extrema classis barbarorum, quot hominum nationes, quot huius novi orbis regiones teneat, dici non potest. In hac sunt homines sylvestres, feris símiles, vix qui c iquam humani sensus habentes, sine lege, sine rege, sine foedere, sine certu Magistratu et Republica, sedes identidem commutantes, aut ita fixas habentes, ut magis ferarum specus, aut pecudum caulas imitentur. Huc in primis pertinent quicumque a nostris carybes dicuntur, nihil aliud quam sanguinolentiam exercentes, in hospites omnes saevi, qui humana carne vescuntur, nulla veste, vix ipsa virilia tegentes (...)*. ACOSTA, José. *De procuranda Indorum Salute*. Proemio. Consejo Superior de investigaciones científicas. Madrid. 1984 Pág. 66

¹⁸ MAEDER, Ernesto J.A.. De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. Configuración y disolución de uma región histórica: 1610-1810. pp. 113-130.

¹⁹ LOBO, Eulalia M. Lahmeyer. Caminho de Chiquitos às missões guaranis de 1690-1718. Coleção Revista de História. São Paulo. 1960. Pp. 45-50

²⁰ HARLEY, John Brian. op. cit.. p.203

²¹ WILDE, Guillermo. Religion y poder em las misiones de guaranies. p. 147